

# **GUIA DE ESTUDO**

## Didática do Ensino Superior - Organização do Trabalho Pedagógico

### **UNIDADE IV**



## Didática do Ensino Superior - Organização do Trabalho Pedagógico

### UNIDADE IV

Docência no Ensino Superior: Estratégias de Ensino, Natureza dos Conteúdos Escolares e Possibilidades na Avaliação



#### PALAVRAS DO PROFESSOR

Caro (a) cursista, tudo bem?

No Guia de Estudos 3 discutimos o conceito e a importância de um Plano de Curso ou Plano de Ensino, o qual se retrata como um plano de como deverá se consolidar a ação educativa. Tal plano precisa estar embasado no Projeto Político-Pedagógico Institucional (PPI), bem como o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) e o Projeto Instrucional. A elaboração do Plano de Curso só tem sentido a posteriori dos documentos de PPC e Projeto Instrucional.

O Plano de Ensino deve relacionar o âmbito teórico com o prático, a reflexão sobre o mercado profissional, o interagir com a realidade social, bem como aproveitar a diversidade de experiências vividas pelos discentes de modo a concretizar uma aprendizagem significativa, e assim, a interdisciplinaridade é necessária de ser pensada e concretizada neste âmbito.

Compreendemos que o Plano de Ensino, de acordo com o artigo 13 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96 deve ser elaborado pelo docente e enviado para ser aprovado pelo colegiado de coordenação didática do curso. Além disto, o mesmo precisa ser compartilhado com os discentes antes do início do semestre letivo, para que os mesmos possam entender como irá se consolidar o estudo em determinada disciplina.

Vimos que o Plano de Curso não tem um modelo padrão, contudo, existem alguns elementos que são fundamentais de conter no mesmo, os quais são: Dados da disciplina, ementa, objetivos, conteúdo programático, metodologia, recursos didáticos, avaliação da aprendizagem, referencial bibliográfico e planejamento de atividades não presenciais, quando houver.

Também trouxemos ao debate as interações existentes no âmbito escolar, desde a macro que se dá entre as IES-Governo-Empresa, até as interações no contexto micro que são IES-Professor-Aluno e uma das mais centrais e importantes que é a interação Professor-Aluno. Todas estas tipologias de interações têm sua importância.

No que tange a IES-Governo-Empresa vimos que tal parceria é fundamental para o desenvolver das IES, principalmente as privadas, pois a partir de tal interação se beneficiam a partir das possibilidades de financiamento educacional e diminuição das dificuldades para abertura de novas Instituições de Ensino Superior. Além disso, as IES se consolidam como espaço de produção de conhecimento aliada as necessidades de formação profissional do mercado, e as empresas como lócus de aplicação dos mesmos, e assim, tal tríade é bastante importante para o desenvolvimento econômico e social, principalmente no âmbito do regional e local.

Tratando-se da interação IES-Professor-Aluno vimos que neste aspecto não se tem muitas questões, apenas quando há reclamações em grande número e recorrentes de alunos. O aluno espera da instituição que a mesma atenda os seus anseios de uma formação profissional com qualidade, de preparação para atuar no mercado de trabalho e de acompanhamento acadêmico. Já os docentes esperam valorização, tanto no aspecto financeiro como de autonomia de trabalho. A questão do investimento na formação continuada dos docentes e apoio a prática do mesmo e investimento de recursos para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem se consolidam como fatores que auxiliam na motivação docente no trabalho com as IES.

A interação Professor-Aluno é considerada como central, pois dependendo de como esta se concretize pode interferir de maneira negativa ou positiva no processo de ensino e aprendizagem. Professores e alunos precisam ser parceiros na construção do conhecimento, e para tal é preciso ter uma relação de respeito, diálogo, colaboração e afetividade. Novas posturas também são necessárias no contexto da Sociedade do Conhecimento, não sendo mais o professor detentor do saber e o aluno um depósito de conhecimento, mas o professor como sujeito que constrói rotas de aprendizagem, um facilitador, mediador do processo e que tem como apporte metodologias ativas como forma de motivar ao aprender, e o aluno como ator da construção de sua aprendizagem, sendo pesquisador, autônomo e engajado nas propostas de aprendizagem construídas pelo docente ou em conjunto com ele.

Por fim também discutimos o conceito e possibilidades trazidas pelos Ambientes Virtuais de Aprendizagem, sistemas computacionais que estão na internet e que possibilitam atividades mediadas pelas tecnologias da informação e comunicação, e assim, a partir de todas as suas interfaces e recursos de comunicação síncrona e assíncrona, torna-se possível construir aprendizagem em qualquer tempo e espaço. Considerado também como uma sala de aula virtual tais ambientes potencializam a modalidade educativa a distância, a qual já existia anteriormente ao boom das tecnologias, mas se utilizando de outros recursos tecnológicos como correios, tv, rádio entre outros. Atualmente, a maioria dos cursos a distância no Brasil está concentrada no Ensino Superior, principalmente no âmbito da pós-graduação, e isto tende a crescer cada vez mais, pois segundo vários autores a tendência é caminharmos para um modelo educativo de Blended Learning, ou seja, um misto de educação presencial com online.

Compreendemos que existem diversos tipos de ambientes virtuais de aprendizagem como o Teleduc, E-proinfo, Aulanet, Blackboard entre outros, mas o que se consolida como o mais utilizado é o Moodle, pois é de código aberto, está disponível gratuitamente para uso das diversas IES, que podem adequar o mesmo a sua realidade e interesse. Tal plataforma do Moodle tem sido muito utilizada em universidades e como apoio a cursos na modalidade presencial.

A partir de tal cenário das tecnologias no universo educativo, não apenas o espaço de educar se modifica, a partir do ciberespaço, mas também a concepção de educar, de aprender, os papéis de alunos e professores se modificam. No que tange aos alunos, vemos que estamos diante de uma nova geração chamada de Nativos Digitais, os quais nasceram na era da tecnologia, e assim, processam a informação, aprendem de maneira diferenciada. Já se começa a discutir uma nova forma de olhar para o aprender no contexto online, a partir do Conectivismo. Tal teoria do aprender na era digital coloca como central o aprender um com outro em rede, e para tal requer o envolver de todos os sujeitos do processo educativo, requer interatividade, pois esta é a base do aprender online. Conectivismo considera a mutabilidade de informações, tão comum na atualidade, altera o olhar sobre o aprender, que não mais se restringe a um

processo individual e interno do indivíduo, mas pode até mesmo estar fora dele. O mais importante são as conexões que estabelecemos em rede, pois estas potencializam nossa aprendizagem, assim a habilidade de reconhecer e se ajustar as mudanças nos padrões é uma tarefa central da aprendizagem.

Tal discussão do educar no ciberespaço traz também novas possibilidades com a Educação Aberta, a qual remete a cursos que são flexíveis e que atendem a necessidades individuais, os Mooc's como ampliação da Educação Aberta, que são cursos online abertos, oferecidos totalmente a distância por AVAS com ferramentas da Web 2.0 ou redes sociais e que são gratuitos e sem dispor de certificados. Além disto, o Mobile Learning, ou seja, aprendizagem móvel, aprendizagem na palma da mão a partir do uso de tecnologias móveis como telefones celulares, tablets, aparelhos portáteis de áudio, leitores de livros digitais (e-readers) e consoles manuais de videogames, também se concretiza como novas possibilidades para a Educação Superior trazida pelas tecnologias.



## ORIENTAÇÕES DA DISCIPLINA

Neste Guia de Estudos 4, vamos dar o fechamento de nossa discussão sobre a Didática no Ensino Superior com o objetivo de "Analisar as estratégias de ensino, a natureza dos conteúdos e as formas de avaliação". Para tal teremos neste guia quatro pontos de debate:

- Identificação de Estratégias de Ensino;
- Análise de Estratégias de Ensino;
- Natureza dos Conteúdos Escolares;
- Formas de Avaliação.

Os links sugeridos de base complementar (Para Saber Mais e Leituras sugeridas ao final deste guia), não devem ser considerados como leitura obrigatória, entretanto são imprescindíveis para a construção significativa de sua aprendizagem.

Bons Estudos!

### Base Teórica

Querido (a) aluno (a), em nosso último guia de estudos vamos discutir acerca do conceito de Projeto Instrucional e sua importância para a escolha das estratégias de ensino pelo docente, bem como adentraremos também ao debate acerca da análise de tais estratégias, conteúdos escolares e sua nova roupagem a partir das emergências das tecnologias digitais de informação e comunicação, além de entender as concepções e práticas avaliativas no cenário da Educação Superior.

## IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO



Figura 1

Fonte: <http://www.filosofia.com.br/figuras/crianca/13.jpg>

Certamente você já deve compreender o que são estratégias de ensino e qual a importância da mesma para o processo de ensino e aprendizagem.

Vamos revisar?

As estratégias de ensino se constituem como os meios utilizados pelos docentes no sentido de despertar atenção e motivação do aluno, contribuindo assim com um processo de ensino e aprendizagem qualitativo e que culmine em aprendizagem significativa. Tais estratégias didáticas são fundamentais para concretizar uma educação com qualidade, seja em que nível ou modalidade de ensino se esteja atuando.

Mas, de que maneira se constrói/escolhe as estratégias de ensino?

O docente precisa estabelecer suas estratégias de ensino de maneira fundamentada, e não apenas baseada em sua experiência, e assim, os projetos instrucionais deve ser ponto de partida para a escolha das estratégias educacionais.



### VOCÊ SABIA?

Você sabia que existe um profissional que trata da elaboração do projeto instrucional?  
Você conhece este profissional?

Ele é o Design Instrucional. Você sabe o que isto significa? Vamos entender!

O termo Design Instrucional é de origem inglesa (Design Instructional) e tem como significado Design (Projeto, Planejamento) + Instructional (Ensino), sendo, portanto, o planejar do ensino.

Tal profissão é conhecida no âmbito nacional e internacional, e como alguns podem pensar, ela não é uma profissão nova, mas ela torna mais fortalecida a partir do surgimento das tecnologias digitais da informação e comunicação, e assim muito se fala da mesma no contexto da EAD.

O objetivo de trabalho de um Design Instrucional é uma ação sistemática e intencional do processo de ensino e aprendizagem com foco na aprendizagem dos indivíduos, e assim se busca planejar e implementar um projeto pedagógico, seja no ensino presencial e/ou a distância, com aplicação de metodologias, atividades, materiais e técnicas em situações didáticas específicas, que considerem a multiplicidade de sujeitos e suas diferentes necessidades formativas.

No cenário da EAD este trabalho se torna mais complexo, pois o cenário do ciberespaço traz inúmeras possibilidades ao ato de educar com multiplicidade de interfaces de comunicação e que possibilita produção de saberes de maneira mais interativa e colaborativa. Os designers para desenvolver um trabalho qualitativo precisam ter o conhecimento de duas áreas bastante importante: Tecnologia e Pedagogia, pois se há um conhecimento apenas da Tecnologia o projeto instrucional caminhará em um sentido mais cartesiano, com interfaces pouco amigáveis para os usuários, no que tange a EAD, e assim, o conhecimento da ciência pedagógica traz elementos fundamentais para a concretização verdadeira de um processo educativo, e não apenas de instrução.

Um Design Instrucional deve trabalhar em colaboração com o docente da disciplina que se deseja criar projeto bem como os demais profissionais envolvidos no processo educativo, seja do ensino presencial ou a distância, buscando aplicar metodologias e técnicas para facilitar a aprendizagem. Tal trabalho colaborativo possibilita a construção de um projeto instrucional mais fundamentado e de qualidade, pois cada profissional contribui com o seu olhar e conhecimento para a melhoria do projeto e consequentemente auxilia para que ele atenda o objetivo maior que é a construção da aprendizagem pelo aluno.

Você já parou para pensar que competências necessitam ter este profissional de Design?

Um design precisa ter as seguintes competências básicas:

- Compreender os objetivos de aprendizagem da disciplina, abordagem pedagógica do curso/disciplina e as características do público alvo;
- Definir a estratégia instrucional que se consolidará no curso/disciplina.
- Criar um modelo ou rota de aprendizagem, ou pode também selecionar e modificar algum modelo já pronto, de modo a atender um determinado projeto educacional, visando assim encurtar o tempo de aprendizagem.
- Escolher os recursos didáticos e materiais que melhor coadunam com a proposta do curso/disciplina.
- Planejar uma sequência dos conteúdos de maneira a facilitar o acompanhamento do aluno, dando significado aos mesmos, a partir da composição teoria-prática, e assim suscitar aprendizagem significativa,
- Produzir atividades contextualizadas a diversidade e necessidades dos alunos.
- Propor métodos de avaliação coerente com os objetivos de ensino e que contribua para a aprendizagem dos alunos.

Agora que já compreendemos um pouco o significado de tal trabalho do Design Instrucional, vimos que um Projeto Instrucional se retrata como um planejamento didático com vista a concretizar um processo de aprendizagem eficaz. É uma estratégia adotada de modo a construir habilidades e competências através do planejamento de atividades sistematizadas e intencionais, sendo um de seus principais aspectos a forma como estas atividades estão sequenciadas de modo a unir a necessária relação teórico-prática. Vale salientar que a abordagem adotada pelo curso acerca do processo de ensino e aprendizagem, pode limitar ou não o trabalho do design.

Que tal você aprofundar seus conhecimentos sobre as diferentes abordagens do processo educativo no link sugerido no material complementar deste guia de estudo?

Você saberia dizer que informações são necessárias para montar tal projeto instrucional para um curso/disciplina? Não?

Então vejamos!

Algum dos elementos fundamentais para se refletir de maneira fundamentada e escolher as estratégias educativas a serem adotadas, que melhor coadune para determinado curso/disciplina são:

- Conhecimento do Público Alvo;
- Características Cognitivas do Público Alvo;
- Identificar as Inteligências predominantes deste Público Alvo;
- Ritmo de Aprendizagem Individual e Grupal;
- Recursos Tecnológicos disponíveis para o uso docente;
- Restrições Impostas ao Projeto (Podem ser Didáticas, Tecnológicas ou Recomendações de Órgãos Regulares).



### GUARDE ESSA IDEIA!

Cada projeto instrucional é único, não deve partir da experiência pedagógica do docente apenas, mas de informações sólidas, coerentes e que possam guiar o design para a concretização de um projeto realmente consoante com o curso, com os objetivos educativos, que possibilite a construção de competências e habilidades por parte dos estudantes.

Assim, não se pode pegar um projeto voltado para o âmbito presencial, por exemplo, e transpor para um curso online, e vice-versa, nem muito menos pegar uma mesma disciplina em turmas diferentes, pois mesmo que os alunos estejam, no caso do Ensino Superior, em um mesmo período do curso, suas inteligências, formas e ritmos de aprender e características cognitivas são diferentes. Para que um projeto instrucional alcance seus objetivos de aprendizagem, ele precisa estar alinhado de maneira central com as características de seu público alvo.

Podemos perceber que as tecnologias digitais trazem novos desafios ao trabalho do Design. Assim, falamos atualmente de Mediação tecnológica, a qual se coloca como o uso das tecnologias nas práticas educativas como forma de ampliar as experiências de ensino, tanto na sala de aula como para além dela, com as redes e as possibilidades de formação de comunidades de aprendizagem, em que o cerne é a interatividade e colaboração.

Assim, um projeto instrucional para um curso a distância requer uma equipe multidisciplinar (pedagogo, projetista, programadores, psicólogos entre diversos outros) em sua elaboração e a reflexão minuciosa de vários pontos importantes como os conteúdos, como serão dispostos, que interfaces se utilizar, que atividades propor, enfim, detalhar este e outros pontos, para que o aluno possa realmente acompanhar de maneira tranquila e qualitativa tal projeto.

[Que tal aprofundar o conhecimento sobre o Projeto Instrucional na EAD?](#)

Acesse o link sugerido a seguir, o qual também foi pontuado como leitura em seu livro texto da disciplina:



**VISITE A PÁGINA**

Projeto Instrucional em EAD. Acesse o seguinte [link](#).

Para finalizarmos este primeiro ponto de discussão, podemos concluir que as estratégias didáticas são fundamentais para a concretização de um processo educativo que venha a culminar em aprendizagem significativa. Estamos buscando caminhar no sentido de uma educação para a aprendizagem, e não mais focada apenas no ensino. Para tal nos fala Kenski (2012, p.109-112) em seu livro “Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação”.

Estamos falando, portanto, de uma nova cultura educacional, de outra realidade, que não se alcança mudando o “nome” do grupo: de turma e classe para comunidades. A escola do aprender tem como principal compromisso garantir a aprendizagem dos alunos. E isso vai muito além de conhecer, compreender e analisar criticamente uma determinada informação ou realidade. A escola do aprender precisa estar em consonância com as múltiplas realidades sociais nas quais seus participantes se inserem e refletir suas práticas formas de interagir com essas realidades e ir além... Um tempo de aprender colaborativamente, respeitando as diferenças pessoais, os diferentes estilos de aprendizagem e fortalecendo o compromisso com a própria maneira de aprender e com a aprendizagem dos demais.

Portanto, buscar novas estratégias didáticas, novas práticas, um novo olhar para a concepção de ensinar e aprender se faz mais que necessário à docência, principalmente no que tange ao Ensino Superior, que tem um papel de formação dos profissionais que irão atuar na sociedade e precisam estar capacitados, preparados para enfrentar com competência os obstáculos que se colocam em sua prática profissional. As tecnologias complexificam tal olhar, trazendo não apenas um novo lócus para o educar, a partir das redes, mas realmente novas bases para se pensar a educação que tenha como cerne autoria, coautoria, colaboração e interatividade.

Um Projeto Instrucional, seja em que modalidade se consolidar, precisa atentar para o ressignificar que as tecnologias trazem ao processo educativo e refletir em que sentido estas pode potencializar o processo de ensino e aprendizagem, sempre atentando para o contexto, o público alvo, objetivos pedagógicos, enfim, sempre lincado ao contexto sociocultural e necessidades formativas dos educandos.



## LEITURA COMPLEMENTAR

Sugiro a leitura sobre Mediação Tecnológica que é um conceito de suma relevância no cenário educativo atual e precisa ser compreendido de maneira mais aprofundada.

Que tal conferir o link abaixo, prezado (a) aluno (a) para entender os desafios que se colocam para a mediação tecnológica nos espaços educativos a partir de uma perspectiva Educomunicativa? Acesse o [link](#).

## ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO



Figura 2

Fonte: Imagem do livro texto

Você já parou para analisar quais estratégias pedagógicas são mais utilizadas nos projetos instrucionais? Ainda não?

Então, vamos discutir neste tópico um pouco acerca destas principais ideias que perpassam a construção de um processo educativo que se alinha com o Paradigma Emergente da Sociedade Atual, de um educar voltados a formação de sujeitos críticos, reflexivos e atores do seu processo de construção do conhecimento, que tenha o “desafio de buscar a superação da reprodução para a produção do conhecimento” (BEHRENS, 2010, p.54).

As estratégias ou ideias pedagógicas mais utilizadas nos projetos instrucionais de cursos sejam na modalidade presencial, semipresencial ou não presencial são as seguintes:

- Teoria de Aprendizagem;
- Inteligências,
- Consolidar das Aprendizagens,
- Formas de Aprender
- Teorias da Comunicação.

Vamos conhecê-las uma a uma!

### Teorias da Aprendizagem

Acerca do primeiro ponto que são as Teorias da Aprendizagem, sabemos que a forma como se concebe o aprender irá afetar diretamente as estratégias pedagógicas do docente.

A aprendizagem poder ser vista de múltiplas maneiras, a partir das teorias existentes:

- Interacionista (Piaget);
- Sóciointeracionista (Vygotsky);
- Sócioafetiva (Wallon);
- Humanista (Carl Rogers);
- Teoria da Aprendizagem Significativa (Ausubel)
- Conectivismo (George Siemens e Stephen Downes), a mais atual!

A teoria da aprendizagem para era digital, a qual já discutimos no guia de estudos 3 e que se coloca como a mais apropriada para se pensar o processo de ensino e aprendizagem na era digital. O processo de ensino aprendizagem a partir de tal teoria Conectivista percebe o aprender como algo caótico, colaborativo, conectado, interativo, hipertextual, enfim, aprender é formar conexões em redes e tais conexões são mais importantes do que aquilo que o indivíduo já sabe em um dado momento, sendo a aprendizagem e o conhecimento fruto da diversidade de opiniões, dos nós estabelecidos e mantidos como forma de possibilitar aprender continuamente.

Vale salientar que “muitos autores são unânimes em ressaltar que a forma de aprender dos membros da Geração Net difere notavelmente da forma das gerações anteriores” (BRASVO; COSLADO, 2012, p.132). Contudo, segundo Siemens (2012, p.96) “a área de educação tem sido lenta em reconhecer o impacto de novas ferramentas de aprendizagem e as mudanças ambientais na própria concepção do que significa aprender”.

Apesar de o Conectivismo ser uma teoria que mais coaduna com o aprender na sociedade do conhecimento, é importante que se conheça as teorias clássicas que embasam a aprendizagem.



## VISITE A PÁGINA

Aprofunde seus conhecimentos sobre as Teorias da Aprendizagem no seguinte [link](#).

### Inteligências

A respeito do segundo ponto que são as Inteligências, vemos as seguintes ideias como norteadoras:

- Inteligências Múltiplas (Howard Gardner),
- Inteligência Coletiva (Pierre Levy)
- Inteligência Emocional (Gestão de Conflitos).

Você lembra o que são Inteligências Múltiplas?

A teoria coloca que as pessoas possuem diversos tipos de inteligência (lógico-matemática, linguística, espacial, corporal-cinestésica, musical, interpessoal, intrapessoal e naturalista) e que tais competências, habilidades ou dom são diferentes nas pessoas e há predominância de uma inteligência mais que outra. Assim, uma pessoa pode pensar melhor de maneira espacial, outras têm mais habilidade com o pensar linguístico, e assim por diante, e tais inteligências irão influenciar diretamente a maneira como se aprende. Sendo assim, o processo de ensino aprendizagem deve ser construído por rotas diversas, considerando as múltiplas inteligências dos sujeitos e formas diferenciadas de aprender.

E o que é Inteligência Coletiva?

Tal teoria foi concebida por Pierre Levy e retrata como um processo de intercâmbio de conhecimento entre as pessoas, ou seja, as pessoas construindo conhecimento de maneira colaborativa, desta forma o ciberespaço se coloca como suporte que potencializa ainda mais tal inteligência coletiva.

Que tal aprofundar um pouco o que seria esta inteligência coletiva que ganha outra dimensão a partir da Cibercultura?



## VEJA O VÍDEO!

Para aprofundar nossa reflexão vejamos este [vídeo](#), com duração de aproximadamente três minutos.

A discussão trazida no vídeo nos mostra, no olhar do próprio filósofo Pierre Levy, conceitos importantes como árvore do conhecimento, comunidades virtuais e inteligência coletiva bem como ela se manifesta na realidade atual. Vale a pena conferir!

Como último ponto do tópico de inteligência, temos: a Inteligência Emocional a qual é discutida por vários autores e se retrata como um conceito da Psicologia referente a capacidade de se relacionar com os outros e consigo mesmo. Tal inteligência é de fundamental importância no processo de ensino e aprendizagem, pois as interações entre as pessoas geram conflitos de diversas ordens, e a inteligência emocional auxilia os docentes e discentes a gerir tais conflitos e trabalhar de maneira colaborativa.

É importante pontuar que a Teoria das Inteligências Múltiplas de Gardner traz em seu escopo duas inteligências que se referem diretamente ao conceito de inteligência emocional: A inteligência intrapessoal; que é a capacidade de compreensão do seu próprio eu, conhecimento de suas próprias emoções, sentimentos, medos; e a Inteligência Interpessoal, que é a capacidade de compreender o outro, suas intenções, motivos e sentimentos.

## Aprendizagens

Como terceiro ponto importante se consolida as Aprendizagens, a forma como ela deve ser concretizada. Vemos que a maioria dos projetos instrucionais na atualidade centra o processo educativo no aluno e assim, é preciso que se consolidem atividades que culmine para metodologias ativas. Assim, consideram-se as seguintes técnicas de:

- Aprendizagem baseada em problemas;
- Aprendizagem Significativa para futuro profissional;
- Aprender por interação;
- Aprender levando em consideração Distância Transacional (Michael Moore-Âmbito da EAD);
- Aprender colaborativa e cooperativa;
- Aprender Permanente e Contínuo.

Vamos aprofundar posteriormente a temática de aprendizagem baseada em problemas e como isto pode se concretizar na prática educativa docente.



Para ampliar mais o seu conhecimento sobre Educação a Distância, saiba sobre a teoria da Distância Transacional, a seguir:

A Distância Transacional é uma teoria criada para a realidade de Educação a Distância que aborda o espaço psíquico e comunicacional que pode existir entre professor e aluno dentro de um ambiente virtual de aprendizagem. São três os elementos que compõem a Distância Transacional: Diálogo, Estrutura e Autonomia e todos precisam ser trabalhados conjuntamente como forma de diminuir tal Distância Transacional e possibilitar a concretização de aprendizagem.

Acesse o [link](#).

## Formas de Aprender

Como quarto ponto situamos as Formas de Aprender, estas se concretizam a partir de técnicas bastante discutidas na literatura e que possibilitam um processo de ensino e aprendizagem construtivo e significativo, as quais são:

- Aprender pela Pesquisa;
- Aprender a Aprender;
- Aprender pelo Erro;
- Aprender Fazendo.

Já discutimos a importância que a pesquisa necessita ter no âmbito do Ensino Superior, formando sujeitos epistêmicos, ou seja, que busque o conhecimento, e entendemos que apenas através deste instrumento podemos consolidar um processo educativo mais qualitativo, sólido e consoante com a realidade social. O aprender a aprender significa a descoberta da melhor maneira do sujeito construir o seu próprio conhecimento, sendo um processo metacognitivo, ou seja, onde o indivíduo reflete sobre o seu pensamento e esta reflexão o auxilia na compreensão de como ele aprende.

O papel do erro é fundamental no processo educativo, pois é algo que auxilia na construção do conhecimento, não mais visto como algo que deva ser punido, como a teoria clássica e tradicional concebe o mesmo. O aprender fazendo é justamente agir sobre o meio, ou seja, da interação do indivíduo com o meio a partir de diversas ações como de pesquisa, testar, avaliar, propor soluções, enfim, é o relacionar da teoria com a prática, elemento tão necessário e possibilita a vivência do erro como construtor de aprendizagens.

Você já deve saber que de acordo com Delors (2010) no relatório para a Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI- UNESCO coloca que a educação deve se pautar em quatro aprendizagens fundamentais ao longo da vida?

Pois é!

Tais aprendizagens são:

- Aprender a Conhecer: coloca-se como a abertura do indivíduo para o conhecimento, ser epistêmico.
- Aprender a Fazer: é pôr em prática os conhecimentos adquiridos, como já falamos anteriormente, associando teoria-prática, agir sobre o meio.
- Aprender a Viver Juntos: é cooperar com os outros, administrar os conflitos, saber lidar com as diferenças e respeitar as mesmas na busca de convivência harmônica e exercitar da fraternidade como meio de entendimento.
- Aprender a Ser: é ter responsabilidade, autonomia, senso crítico, ético, estético, enfim, é a busca por um aprender integral, holístico, que considera todas as potencialidades do indivíduo.

## Teorias da Comunicação

Como quinto e último elemento Teorias da Comunicação, coloca-se como relevante as seguintes ideias: Presença Social na Vida do Aluno, que é o sentir de pertencimento a comunidade de aprendizagem pelo aluno e a Conversação Didaticamente Orientada, que se relaciona ao aspecto da afetividade no relacionamento professor-aluno como forma de motivação do processo de ensino e aprendizagem.

A presença social é imprescindível, principalmente no âmbito do processo educativo on-line, pois os alunos já estão distantes no que tange ao tempo e espaço, mas precisam se perceber como sujeitos considerados, importantes e integrados no processo educativo. É preciso que o docente busque efetivar uma comunidade de aprendizagem em que todos se sintam à vontade de participar, dar sua opinião, indagar, colaborar com a aprendizagem do outro, e assim a interatividade e aprender colaborativa possa ser o cerne do processo educativo.

A empatia, a criação de um sentimento de turma, a relação dialogada e horizontal entre professor e aluno, bem como afetividade, a preocupação do docente com o processo de desenvolvimento do aluno, buscando ser um coaching educacional, são alguns dos fatores que se alinham com ambas as propostas e que só tendem a contribuir para a concretização de um processo educativo qualitativo e que culmine em aprender de modo significativo.

Prezado (a) aluno (a), agora que entendemos as principais ideias que perpassam os projetos instrucionais nos diversos âmbitos, vamos seguir para nosso tópico de estudo?

## NATUREZA DOS CONTEÚDOS ESCOLARES

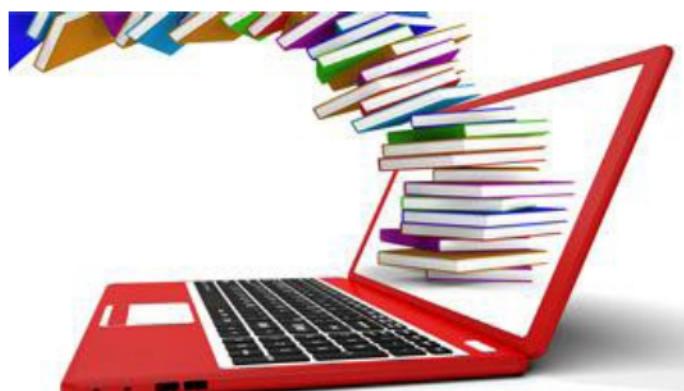


Figura 3

Fonte: Imagem do livro texto

Você deve saber que historicamente o processo de ensino e aprendizagem se centrou nos conteúdos mais do que nos sujeitos, não é verdade?

Atualmente, a partir do Paradigma Emergente e o emergir das tecnologias percebemos uma mudança no sentido de centrar no aluno ao invés dos livros-textos, e assim temos o professor e aluno com novos papéis no processo educativo.

No contexto da Educação Superior permanece ainda o olhar da preocupação central nos conteúdos, porém precisamos pensar como efetivar um processo de ensino e aprendizagem que ressignifique não apenas o olhar sobre tais conteúdos, que se ampliam em seu contexto atual, mas principalmente em como trazer os sujeitos do processo educativo, professores e alunos, para assumir uma postura essencial, a de autoria!

Antes de discutirmos mais a fundo o que seria autoria e sua importância como prática na Educação Superior, vamos compreender melhor o que significa conteúdo e como a sua concepção se amplia no contexto da Sociedade Digital?

De acordo com o dicionário Michaelis o conceito de Conteúdo se coloca como:

## CONTEÚDO

con.te.ú.do

adj (lat vulg contenutu) Contido. sm 1 Aquilo que está contido ou encerrado em algum recipiente. 2 Assunto, tema, matéria de carta, livro etc.; teor, texto. C. de calor: quantidade termodinâmica que é a soma da energia interna de um corpo e o produto da multiplicação de seu volume pela pressão; também chamado conteúdo térmico e teor de calor. C. intencional, Sociol: conjunto dos interesses e valores específicos para os quais convergem as atividades típicas de um grupo social. C. social, Sociol: o mesmo que cultura. C. térmico: o mesmo que conteúdo de calor.

Podemos visualizar que o sentido de conteúdo em âmbito genérico está associado como assunto temático que está contido em algum tipo de recipiente como: carta, livro, texto, entre outros. É importante perceber que o conceito de conteúdo de aprendizagem vai além do pensamento que remete ao conhecimento, as temáticas que integram um corpo teórico de uma determinada área do conhecimento ou disciplina. Eles também devem integrar hábitos, valores, atitudes, habilidades que fazem parte das experiências de aprendizagem que são possibilitadas aos alunos.

Anterior ao cenário das tecnologias, quando se pensava em conteúdo qual seria o termo que associaríamos a sua presença?

Com certeza o principal deles que falaríamos seria o livro!

O conhecimento estava depositado nestes “recipientes” e era considerado como elemento central no processo de ensino e aprendizagem. Entretanto, o cenário das tecnologias digitais de informação e comunicação amplia o conceito de conteúdo, trazendo outros elementos que também podem ser considerados como tais: podcasts, vídeos, animações, figuras, simulações, jogos entre diversos outros, os quais se consolidam como objetos de aprendizagem.

Mas, afinal você sabe o que são objetos de aprendizagem?

Eles se consolidam como recursos, digitais ou não, que estão disponíveis para ser reutilizado e que dá suporte ao processo de ensino e aprendizagem. Assim, imagens, vídeos, softwares, animações/simulações, textos, jogos, lições, mapas, hipertextos, módulos, cursos entre diversos outros são considerados objetos de aprendizagem desde que tenham licença aberta e possam ser utilizados para potencializar o processo de ensino e aprendizagem.

A principal característica de um objeto de aprendizagem é a possibilidade de reutilizar, de modificar o mesmo a partir do nosso olhar, da nossa realidade educativa. Existem na internet diversos repositórios, ou seja, depósitos virtuais que dispõem de objetos de aprendizagem para uso/reuso por parte dos professores e alunos. No cenário brasileiro temos o Banco Internacional de Objetos Educacionais, como sendo uma iniciativa do MEC e que dispõe de objetos de aprendizagem em vários formatos e para todos os níveis de ensino, inclusive na Educação Superior.

Vale a pena conferir!



## VISITE A PÁGINA

Acesse esse [link](#). Caso você queira saber mais sobre o assunto, no fim deste guia, nos materiais complementares, existe um link disponível a respeito de tal temática, o livro do MEC.

Os objetos de aprendizagem podem concretizar a autoria de professores e alunos no processo de ensino e aprendizagem, mas o que significa autoria?

É produzir conhecimento ao invés de apenas consumir, é ser ator, sujeito criativo e ativo no processo de ensino e aprendizagem. Assim, tanto docente como os discentes poderiam não apenas potencializar a aprendizagem no Ensino Superior com o uso de objetos de aprendizagem, mas serem autores/coautores de objetos e compartilharem tais produções nas redes de maneira aberta, ou seja, através da licença Creative Commons (CC), e assim outros educadores/alunos de toda a parte do mundo poderão utilizá-la, remixá-la e potencializar também suas práticas.



## VEJA OS VÍDEOS!

Que tal aprofundar seus conhecimentos sobre os objetos de aprendizagem, de como utilizar e como produzir os mesmos?

Basta acessar os vídeos sugeridos nos guias abaixo:

1. Dicas de como usar Objetos de Aprendizagem: Acesse o [link](#).
2. Dicas de como Produzir Objetos de Aprendizagem: Acesse o [link](#).

O conteúdo está disseminado nas redes, nos blogs, nas comunidades virtuais de aprendizagem, nos objetos de aprendizagem, não mais estando apenas nos livros, e vale salientar que até mesmo a forma de pesquisa se altera, pois, antes quando os alunos iriam elaborar um trabalho a primeira fonte de conteúdo que ele buscava era o livro, na atualidade a internet se coloca como a primeira. Não que o livro perca sua relevância e importância, apenas estamos a discutir que ele não mais deve ser visto como a fonte única de conhecimento, muito menos o processo de ensino aprendizagem deve se centrar em consultar tais conteúdos, mas ir em direção de produzir conteúdo!

Além disto, o que mais temos hoje são conteúdos disponíveis em diversos formatos, informação por múltiplas vias e que se modifica de maneira constante e aceleradamente. Áí vem a pergunta: como transformar tal informação em conhecimento?

Este é o convite que a sociedade do conhecimento faz a nós docentes, principalmente no cenário do Ensino Superior, o qual tem como norte a formação de profissionais qualificados para atender as demandas do mercado de trabalho e transformação social.

Como concretizar um ensino não mais focado em conteúdos, mas na produção dos mesmos?

A docência no Ensino Superior tem papel fundamental no sentido de concretizar um educar para o aprender a aprender que coaduna com o paradigma emergente. Para tal, alguns desafios se colocam e que precisam ser concretizados no fazer docente, e entre alguns deles segundo (BEHRENS, 2010, p.109-110) são:

- Organizar atividades diferenciadas, de eventos, que demandem a criação, projetos desafiadores que provoquem enfrentamento, diálogo com autores e construção própria;
- Provocar a utilização dos meios eletrônicos, de informática, de multimídia e telecomunicações com os recursos disponíveis na instituição escolar;
- Valorizar mais a elaboração própria, a construção coletiva, as propostas criativas, em detrimento de provas e questionários, por exemplo;
- Estimular o uso de laboratórios e biblioteca de modo a fazer com que os alunos pesquisem, estudem, discutam e critiquem;
- Aliar o saber teórico ao prático;
- Discutir acerca do espaço onde os conteúdos serão utilizados;
- Contemplar as inteligências múltiplas reconhecendo o aluno em sua diversidade, formas de aprender e como sujeito da construção do seu conhecimento.

Estes são apenas alguns dos desafios que se colocam a docência no Ensino Superior.



### LEITURA COMPLEMENTAR

Para aprofundar mais acerca deste tema acesse o material complementar ao final deste guia, o tópico "As Especificidades da Docência no Ensino Superior". Acesse o [link](#).

Discutimos ao longo da disciplina estratégias didáticas que caminham no sentido da produção do conhecimento pelo aluno, entre outras podemos destacar:

- A pesquisa e projetos como cerne do processo educativo;
- Gamificação;
- Sala de Aula invertida;
- Uso de Ambientes Virtuais de Aprendizagem como extensão da sala de aula.

Muito se fala também na Aprendizagem Baseada em Problema, bem como na problematização como estratégias que culmina em uma metodologia ativa no processo de ensino e aprendizagem e que se coloca como coerente para uso na Educação Superior.



## VISITE A PÁGINA

Vamos conhecer um pouco a respeito das mesmas?

Acesse o [link](#) - A Problemática e a Aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos?

## CONCEPÇÕES E PRÁTICAS AVALIATIVAS

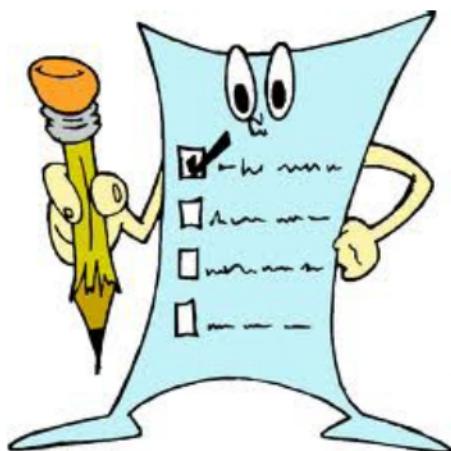


Figura 4

Fonte: <http://sereduc.com/VBxu45>

Você já parou para refletir como todo um trabalho pedagógico docente pode perder o seu significado se a avaliação da aprendizagem não estiver consoante com o mesmo?

Pois é!

Tal elemento da prática educativa é bastante complexo, pois envolve uma gama de influências de ordem filosófica, política, econômica e educacional.

A Avaliação é de suma importância da prática pedagógica e que requer uma reflexão bastante criteriosa do que será avaliado, como e para atingir que objetivos, pois dependendo da abordagem avaliativa, tanto o conceito da mesma, a prática educativa e a relação professor/aluno no processo de ensino aprendizagem serão afetados de maneira direta e distinta.

Vamos primeiramente refletir sobre abordagens da avaliação?

Podemos perceber a avaliação da aprendizagem a partir de duas abordagens: a conservadora e a transformadora, mas o que será cada um deles?

A abordagem conservadora tem como base o paradigma positivista (sujeito não é o centro, objetividade, conhecimento centrado no objeto), e define a prática avaliativa da seguinte maneira de acordo com Cruz e Cavalcante (2008, p. 49):

O sentido da avaliação assume o caráter classificatório baseado na quantificação e nos resultados, a partir da medida de acerto e erros... Embora a perspectiva, nesta posição, seja a de busca pela cientificidade, o sentido predominante é o de fragmentação, no qual se vê o todo pelas partes... A avaliação volta-se exclusivamente à dimensão cognitiva e conteudista e funciona no sentido sentencioso.

Tal olhar sobre a avaliação nos remete ao tradicionalismo educativo, tem como reflexo uma sala de aula em que professores e alunos estabelecem uma relação vertical, onde o docente é o detentor de todo o saber e o aluno considerado como uma tábula rasa (depósito de conhecimento), praticamente o diálogo não se estabelece, pois o aluno apenas houve de maneira passiva o que o professor o fala de maneira atenta, pois ele para se sair bem nas avaliações necessita reproduzir tais ideias propagadas pelos docentes.

A prática avaliativa ocorre em momentos pontuais, uma na metade do semestre letivo e outra ao final do mesmo, sempre se dando através de provas. É claro que algumas instituições de ensino superior dão abertura ao docente para realizar o avaliar por outros instrumentos que não apenas a prova, mas a prova continua sendo o cerne principal da avaliação e com maior peso que os demais.

Então, caro (a) aluno (a), qual o sentido tem um avaliar nesta perspectiva?

Será que esta avaliação contribui para a aprendizagem do aluno?

Você acha que este olhar de avaliação está presente no cenário da Educação Superior?

A avaliação, a partir desta abordagem conservadora, é um processo de verificação, classificação, de exclusão dos sujeitos, tendo como maior foco os conteúdos e não o aluno. O aluno se torna um sujeito passivo diante do conhecimento. Ensinar é um processo de transmitir saberes de quem sabe mais (professor), para quem sabe (menos), e de maneira unívoca (aula expositiva), uma vez que os alunos são tratados como se fossem iguais e tivessem mesmo modo de aprender.

Qual o reflexo deste tipo de abordagem na formação profissional destes sujeitos?



Uma prática que valoriza a memorização, repetição, que não favorece o sujeito ser construtor do saber, ser pesquisador, saber lidar com as constantes inovações, inquietar-se com os problemas de sua profissional e buscar resolvê-los entre outros, caminha para formar um cidadão não crítico, reproduzidor do conhecimento e sem a devida competência para atuar no cenário de transformações inerente a Sociedade Digital,

ou seja, sujeito passivo diante da sociedade, o que atende aos interesses ocultos do capitalismo de manutenção do status quo.

E como se dá a avaliação a partir da abordagem transformadora?

A abordagem transformadora tem como base o paradigma sócio-histórico (sujeito como produtor de conhecimento, subjetividade, interação), e define a prática avaliativa da seguinte maneira segundo sentido Cruz e Cavalcante (2008, p. 52-53) coloca que a avaliação.

É concebida, portanto, centrada na perspectiva formativa e reguladora das aprendizagens significativas. Os eixos da prática avaliativa, nesta configuração, se respaldam na mediação e no diálogo, entendidos enquanto processos personalizados de intermediação das aprendizagens, assim como, a prática educativa é entendida enquanto práxis, porque envolve simultaneamente ação-reflexão-ação.

A avaliação neste âmbito remete ao Construtivismo e o reflexo para uma sala de aula em que docentes e discentes estabelecem uma relação horizontal, ambos sujeitos produtores de conhecimento, parceiros, ou seja, a educação se concretiza a partir do diálogo, da troca, da interação entre os pares.

O aluno tem voz na sala de aula, é considerado sujeito com uma história de vida, com conhecimento tácito relevante e que contribui com o processo de aprendizagem, e o professor não mais é o detentor do saber, mas um facilitador, mediador, instigador da aprendizagem, um problematizador, um motivador, um arquiteto de percursos cognitivos, ou seja, que propõe várias rotas de aprendizagem respeitando as singularidades de seus alunos, uma vez que nem todos são iguais e aprendem, portanto de maneiras diversas.

A prática avaliativa não ocorre em momentos pontuais e muito menos centrados em apenas um instrumento avaliativo com grande peso, que é a prova. Não é que a prova não seja um instrumento válido e que precisa ser abolido do cenário da avaliação, mas enquanto docentes precisamos compreender que a avaliação não pode se dizer como se fosse um retrato de um momento do aluno, mas deve considerar toda a sua construção no percurso de uma determinada disciplina.

Você já deve ter vivenciado que muitos alunos que participam das aulas, das discussões e atividades e que apresentam bom desempenho nas mesmas acabam tendo resultados insatisfatórios nas provas, não é verdade?

Isto nos dá uma visão de que a avaliação centrada em uma prova não consegue realmente nos dar uma compreensão do que o aluno aprendeu em determinada disciplina.

A avaliação na abordagem transformadora tem como preocupação central a aprendizagem do aluno, e assim, ela precisa se concretizar de maneira formativa, ou seja, ao longo do processo de ensino e aprendizagem, e por diversos instrumentos como seminários, construção de mapas conceituais, atividades de pesquisa, problematização, construção de projetos, resenhas críticas, entre diversas outras possibilidades que temos e que nos possibilita compreender se o aluno está construindo conhecimento e que lacunas se colocam neste sentido.

A partir do momento que o professor acompanha o aluno poderá dar os devidos feedbacks de como está se dando sua construção do conhecimento, consequentemente mediar e auxiliar na melhora, buscar rever conceitos, bem como aprender de maneira aprofundada e significativa.

Querido (a) aluno (a), você sabe o que é Mediação? Conheça o conceito de Mediação Pedagógica, segundo Masetto (2009, p. 144), a mediação pedagógica é:

*Atitude, o comportamento do professor que se coloca como um facilitador, incentivador ou motivador da aprendizagem, que se apresenta com a disposição de uma ponte entre o aprendiz e sua aprendizagem.*

Qual o reflexo deste tipo de abordagem na formação profissional destes sujeitos?

Uma prática que valoriza a troca de saberes, a pesquisa, o sujeito como ser construtor do seu processo educativo, ser pesquisador, saber lidar com as constantes inovações, que busca trazer questões da prática profissional para que os alunos reflitam e solucionem entre outros, caminha para formar um cidadão crítico, sujeito da sua construção histórica e com competência para atuar no cenário de transformações inerente a Sociedade Digital, ou seja, sujeito que se colocará como conhecedor de sua realidade, questionador da mesma e que busca ser agente da mudança social, o que vai de encontro ao projeto capitalista.

A avaliação precisa ser em si um processo de aprendizagem para ambos os sujeitos do processo educativo (HOFFMANN, 1996; ÁLVAREZ MÉNDEZ, 2002).

### Mas, em que sentido?

Para o professor, a avaliação deve ser um elemento que possibilite refletir sobre sua prática pedagógica, se as técnicas escolhidas estão realmente contribuindo para atender os objetivos de formação, o desenvolvimento de habilidades e competências nos alunos. Caso seu planejamento didático não favoreça a concretização da aprendizagem, o docente pode em qualquer momento do percurso de aprendizagem modificar suas rotas, atividades de acordo com os obstáculos que emergem e com as necessidades dos alunos. Já no caso do aluno, a avaliação é uma forma de metacognição, ou seja, de reflexão sobre sua construção de conhecimento, e a partir do momento que as lacunas estão aparecendo, ele terá consciência de onde precisará aprofundar seus estudos; e junto com o professor caminhar para construir aprendizagem significativa sobre os conteúdos trabalhados.

Uma avaliação no sentido transformador, enfim, “perde o sentido de sanção, de autoritarismo de poder, e adquire a garantia de avaliar o envolvimento, a participação, a produção do conhecimento, o progresso, a caminhada” (BEHRENS, 2010, p.92), e neste sentido contribui para a qualidade do processo de ensino e aprendizagem. É importante destacar que a autoavaliação e coavaliação são práticas bastante construtivas e que são passíveis de serem efetivas no Ensino Superior, pois traz o aluno para assumir postura metacognitiva e de construção colaborativa do conhecimento com seus pares. Uma avaliação ganha maior sentido quanto os sujeitos que são os mais interessados na mesma, que são os alunos, ganha voz neste processo, participa do mesmo, seja avaliando a sua construção, seja participando através da avaliação de outros alunos bem como na avaliação de como a disciplina se consolidou.

Prezado (a) aluno (a), na Educação a Distância, como será que a avaliação se consolida?

Esta é uma temática bastante desafiadora neste cenário, pois emergem novas possibilidades de avaliar a partir das interfaces do ambiente virtual de aprendizagem, como fórum, chats, portfólio, glossário entre outras. No on-line o professor além de ter como desafio de que maneira ele poderá acompanhar este percurso cognitivo do aluno, de modo, a saber, que ele realmente está sendo o autor, ele precisará pensar em estratégias e instrumentos diversos, o que irá acarretar em um grande quantitativo de registros cognitivos de seus alunos nas diversas interfaces. Assim, o trabalho avaliativo no on-line para se dar de maneira qualitativa é bastante trabalhoso e exigirá do docente grande disposição, uma vez que o ambiente virtual só possibilita relatórios de cunho quantitativo, ou seja, número de acessos dos alunos ao ambiente, atividades elaboradas, quantidade de participações nos fóruns, entre outros.

Além de conhecer tais interfaces de maneira aprofundada o professor precisará desenvolver atividades que possibilitem o aluno refletir, pesquisar, construir conhecimento, que o incentive a interagir no ambiente virtual, pois sem tal participação do aluno, o que acontece com muitos que só entram e não participam (interação vicária) sem a interatividade tão importante e necessária, não é possível efetivar um avaliar no on-line.

#### Você o que significa Interação Vicária?

É uma interação silenciosa, ou seja, em que o aluno entra no ambiente virtual de aprendizagem, não participa das discussões, não interage, mas aprender a partir da observação.

Que tal aprofundar um pouco tanto os diversos tipos de interação na EAD como o de Interatividade e sua importância para a Aprendizagem, por conseguinte para a avaliação da aprendizagem on-line.



#### VISITE AS PÁGINAS

Interação Vicária

<http://www.abed.org.br/congresso2010/cd/152010184257.pdf>

Interatividade e Aprendizagem

<http://www.joaomattar.com/boise/Interatividade%20e%20Aprendizagem.pdf>

É evidente que ambas as abordagens - conservadora e transformada - podem ser concretizadas também no virtual, mas infelizmente, a própria legislação no cenário da EAD tem contribuído para práticas que caminham no sentido tradicional, da transposição da avaliação do presencial para o virtual, pois o Decreto 5.622 de 2005 no seu artigo 4 versa sobre o modo de se avaliar em educação online no sentido oposto:

A avaliação do desempenho do estudante, para fins de promoção, conclusão de estudos ou obtenção de diplomas ou certificados dar-se-á no processo mediante cumprimento das atividades programadas e realização de exames presenciais.

Além disto, no mesmo documento na alínea dois, há a pontuação que os resultados dos exames presenciais deverão prevalecer sobre os demais resultados obtidos em quaisquer outras formas de avaliação online. Tal realidade se coloca como inquietante e incoerente com o sentido de se Educar On-line, o qual tem como base a interatividade, a colaboração, a criação de uma verdadeira comunidade virtual de aprendizagem. Prezado (a) aluno (a), que tal você aprofundar o olhar sobre a avaliação da aprendizagem na EAD? Confira o material complementar ao final deste guia!

Viram como as abordagens caminham para práticas de avaliações diferenciadas tanto no Ensino Presencial como na EAD?

Dependendo da concepção que se tenha de ensinar, aprender a avaliação irá favorecer o processo de ensino e aprendizagem ou ser um elemento apenas de classificação dos alunos.

Precisamos refletir a questão da Avaliação no cenário o Ensino Superior de maneira mais aprofundada e que desafios se colocam para efetivarmos uma avaliação transformadora. Acesse o link a seguir:



### VISITE A PÁGINA

<http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/890/743>



### PALAVRAS FINAIS DO PROFESSOR

Espero que você tenha gostado dos conteúdos que debatemos nessa unidade!

Neste último guia de estudo discutimos as estratégias de ensino, que se constituem como os meios utilizados pelos docentes no sentido de despertar atenção e motivação do aluno, contribuindo assim com um processo de ensino e aprendizagem qualitativo e que culmine em aprendizagem significativa no Ensino Superior. Vimos que a escolha por tais estratégias pelo docente, precisa se concretizar de maneira fundamentada, não sendo suficiente apenas experiência deste profissional, e de tal modo, os projetos instrucionais deve ser ponto de partida para a escolha das estratégias educacionais.

Vimos que um Projeto Instrucional é um planejamento didático com vista a concretizar um processo de aprendizagem eficaz. Consolida-se como uma estratégia adotada de modo a construir habilidades e competências através do planejamento de atividades sistematizadas e intencionais, sendo um de seus principais aspectos a forma como estas atividades estão sequenciadas de modo a unir a necessária relação teórico-prática.

A elaboração de tal projeto instrucional no contexto da Educação a Distância toma uma maior complexidade e irá exigir um trabalho mais detalhado e elaborado por uma equipe multidisciplinar, de modo a garantir a efetivação da aprendizagem neste cenário. Salientamos também que cada projeto instrucional é único e deve ser consoante com cada contexto de ensino, com o perfil do aluno, bem como diversos outros

fatores. Também adentramos a discussão acerca das estratégias ou ideias pedagógicas mais utilizadas nos projetos instrucionais de cursos, nas diferentes modalidades educativas.

Debatemos que no contexto da Educação Superior permanece ainda o olhar da preocupação central nos conteúdos, mas precisamos pensar como efetivar um processo de ensino e aprendizagem que ressignifique não apenas o olhar sobre tais conteúdos, que se ampliam em seu contexto atual, mas principalmente em como trazer os sujeitos do processo educativo, professores e alunos, para assumir uma postura essencial, a de autoria. O educar no Ensino Superior precisa colocar como centro do processo o aluno e o acompanhamento do mesmo em todo o processo de ensino e aprendizagem.

Vimos que os objetos de aprendizagem, que são recursos digitais ou não disponíveis para reutilizar no cenário educativo, podem concretizar a autoria de professores e alunos na Educação Superior bem como outras estratégias se colocam como fundamentais, como Gamificação, Sala de Aula Invertida, Problematização, Aprendizagem Baseada em Problemas entre outras. A Sociedade Digital nos convida a tornar a sala de aula em um espaço de construção, produção de conhecimento, e a docência tem papel fundamental neste sentido, na busca de mudança de práticas e aplicação de metodologias ativas.

Por fim, discutimos a avaliação como elemento importante da prática pedagógica e que requer uma reflexão bastante criteriosa do que será avaliado, como e para atingir que objetivos, pois dependendo da abordagem avaliativa, conservadora ou transformadora, tanto o conceito da mesma, a prática educativa e a relação professor/aluno no processo de ensino aprendizagem será afetada de maneira direta e distinta. As práticas avaliativas na Educação Superior estão ainda arraigadas do tradicionalismo educativo, tendo como instrumento central e de maior peso as provas.

Vimos que é preciso refletir sobre os desafios que se colocam a uma avaliação transformadora, seja no ensino presencial ou online, a qual pressupõe uma formação ética, cidadã e de sujeito ator do seu fazer histórico, perfil este tão necessário aos profissionais que atuarão na sociedade atual. Dependendo da concepção que se tenha de ensinar, aprender a avaliação irá favorecer a construção de aprendizagem significativa ou ser um elemento apenas de classificação dos alunos, não contribuindo assim com a formação de um profissional qualificado para lidar com as demandas do mercado de trabalho, papel fundamental a ser desenvolvido na Educação Superior.



## ACESSE O AMBIENTE VIRTUAL

Querido (a) estudante, chegamos ao final do último guia de estudo da disciplina Didática do Ensino Superior 2.

Espero que você esteja satisfeito (a) com todos os guias de estudo, visto que foram elaborados especialmente para você, com intuito de melhor a qualidade de seu aprendizado.

Atente para os prazos das atividades propostas, pois estes elementos são fundamentais para a concretização da disciplina. No ambiente virtual tais atividades estarão disponíveis para sua realização com caráter avaliativo.

Sucesso na sua carreira acadêmica e profissional.



## LEITURAS COMPLEMENTARES

- 1 - [Abordagens do Processo de Ensino e Aprendizagem](#)
- 2 - [Quatro Pilares de uma Educação para Século XXI e suas Implicações na Prática Pedagógica](#)
- 3 - [Presença Social em Cursos a Distância: Um Estudo Comparativo de Postagens em Chats e Fóruns](#)
- 4- [O que são Objetos de Aprendizagem](#)
- 5 - [Objetos de Aprendizagem: Uma Proposta de Recurso Pedagógico - Livro do MEC](#)
- 6 - [Diferentes Visões sobre a Avaliação](#)
- 7 - [Avaliação e Aprendizagem no Ensino Superior](#)
- 8 - [Avaliação na EAD: Estamos Preparados para Avaliar?](#)



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ÁLVARES MÉNDEZ, J. M. Avaliar para conhecer, examinar para excluir. Tradução Magda Schwartzhaupt Chaves. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BEHRENS, Maria Aparecida. O Paradigma Emergente e a Prática Pedagógica. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

BERBEL, Neuci Aparecida Navas. A problematização e a aprendizagem baseada em problemas: diferentes termos ou diferentes caminhos? Disponível no [link](#). Acesso em: Abril/2016.

BORBA, Amândia Maria de; FERRI, Cássia; HOSTINS, Regina Célia Linhares. Avaliação da aprendizagem no ensino superior: questões que emergem da prática docente. Disponível no [link](#). Acesso em: Abril/2016.

BRAVO, César Bernal; COSLADO, Ángel Barbas. Uma geração de usuários da mídia digital. In: APARICI, Roberto. Conectados no ciberespaço. Tradução Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2012.

BRASIL. Decreto nº 5.622, de 19 de dezembro de 2005. Regulamenta o artigo 80 da Lei 9394/96. Disponível no [link](#). Acesso em: Abril/2016.

\_\_\_\_\_.Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996.

CRUZ, Fátima Maria L.; CAVALCANTE, Patrícia Smith. Avaliação da aprendizagem: anúncios e práticas nas abordagens conservadora e transformadora, no ensino presencial e mediado pelas tecnologias. Revista de Educação, Brasília n.148, 37. jul/set 2008.

DELORS, Jacques(org.). Educação: Um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o Século XXI. Brasília, julho de 2010.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mito e desafio: uma perspectiva construtivista. 19. ed. Porto Alegre: Mediação, 1996.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Tecnologias: O novo ritmo da informação. 8<sup>a</sup> ed. Campinas, São Paulo: 2012. Coleção Papirus Educação.

SIEMENS, George. Conectivismo: uma teoria da aprendizagem para a era digital. In: APARICCI, Roberto (org.). Conectados no ciberespaço. Tradução Luciano Menezes Reis. São Paulo: Paulinas, 2012.